

Nomes, agora, nem pensar

Na esquerda, hoje ninguém sabe - e nem quer saber - quem vai ser o candidato único preconizado pelas quatro principais siglas que estão articulando a união das oposições. Embora existam nomes que naturalmente despontam como possíveis candidatos - Leonel Brizola (PDT) e Lula (PT) -, a atual preocupação dos líderes oposicionistas é encontrar uma plataforma de consenso e um plano de governo. O passo seguinte seria achar um candidato que tenha este perfil e dê credibilidade ao discurso de campanha.

Por isso, os articuladores da candidatura única têm verdadeiros arrepios quando se pergunta sobre nomes prováveis. "Não se cogita de nomes", sentencia Aldo Arantes (PCdoB). O petista José Machado confirma: "Não temos candidato". E Brizola prefere o silêncio por enquanto, ao que parece. Há, porém, quem aponte discretamente que este seria um processo sem rupturas para conseguir um "candidato mais leve" que Lula, hoje o nome mais lembrado para se contrapor a FHC. O objetivo seria fugir do maniqueísmo (a velha luta entre o bem e o mal) que uma campanha disputada entre a social democracia de FHC e o trabalhismo de Lula poderia naturalmente suscitar, como em 1990, com Fernando Collor, e em 1994.

A escolha de um nome agora é evitada também com o objetivo de impedir que o candidato lançado pre-

citadamente vire um "anti-candidato" - com boa plataforma, mas sem qualquer chance de enfrentar FHC. Primeiro, o PSB, PCdoB, PDT e PT vão tentar reagir ao isolamento político, através da busca do diálogo junto à sociedade e a outros partidos, inclusive segmentos insatisfeitos de agremiações que participam do atual Governo (como o PMDB). "Vamos apresentar um candidato de uma grande frente de oposição ao projeto neoliberal", resume o líder do PCdoB na Câmara, deputado Aldo Arantes.

Exigências - Para José Machado (SP), líder do PT na Câmara, "a população hoje tem outro patamar de exigências e sabe que, se o Real é estável, também trouxe graves problemas. Vamos defender a estabilidade e fazer uma crítica social do Real, mostrando que temos capacidade de mudar o enfoque de nosso governo para o bem estar do povo", diz Machado. Para o petista, o Governo colocou o Plano Real numa armadilha. "A esquerda vai mostrar que tem competência para desmontar esta armadilha", promete.

No PPS, o senador Roberto Freire (PE) também acha que a estratégia do Governo de repetir o Real como cabo eleitoral vai falhar em 1998. "Houve um descolamento do Real da figura do presidente Fernando Henrique Cardoso". (S.A.)